

## O BOM SOLDADO DE CRISTO

Eduardo Alves de Souza\*

### **Resumo:**

Esta comunicação tem como objetivo apresentar a pesquisa feita sobre O Catolicismo em Belo Horizonte no período de 1922 a 1936. A Diocese na capital foi efetivamente criada em 11 de fevereiro de 1921. Em 30 de abril 1922, tem o seu primeiro bispo, D. Antônio dos Santos Cabral. Ele militou em favor da restauração da Igreja na vida social e política, contra a modernidade e a recuperação moral da sociedade. A imprensa foi uma arma usada por ele na militância política religiosa e em favor do catolicismo. Em sua administração foram criados dois periódicos de circulação diária na cidade. Em 8 de abril de 1923, iniciou a publicação do jornal O Horizonte. O jornal contribuiu para o conservadorismo católico e sua militância. No meio da euforia política e das ideias liberais das décadas de 1920 e 1930, Dom Cabral militava em favor do ultramontanismo católico e da sua participação ativa na política. Sua atuação na defesa dos direitos sociais da Igreja tinha uma perspectiva de devolver a pátria ao Cristo Rei. A militância político-religiosa do bispo promoveu um catolicismo atuante demarcando o espaço da cidade com a presença do catolicismo.

**Palavras-chave:** Dom Cabral, Catolicismo, República, Belo Horizonte.

---

\* Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica – Graduado em História pelo Centro Universitário Newton Paiva.

## **Introdução**

Neste trabalho serão analisadas as ações de Dom Cabral nos primeiros anos de seu bispado, suas iniciativas diante da diocese, as armas usadas no combate às ideias contrárias à Igreja e a atuação diante da organização da classe trabalhadora.

Dom Cabral atuou em favor da expansão da Igreja Católica em Belo Horizonte e da sua aproximação com o Estado.

Em Minas Gerais, a Proclamação da República estimulou a transferência da Capital. Transferir de Ouro Preto a capital do estado tinha vários objetivos: esquecer o passado colonial e modernizar o Estado, entre eles. Construir uma cidade que apagasse o passado da dominação colonial foi também uma oportunidade para separar a religião católica da política: nas antigas cidades de Minas Gerais, a presença de símbolos do catolicismo era muito forte e a nova e moderna capital poderia traduzir, em sua arquitetura e sua urbanização inovadoras, uma representação do pensamento republicano.

A Diocese de Belo Horizonte foi efetivamente criada em 11 de fevereiro de 1921 pelo Papa Bento XV. Em 30 de abril 1922, tem o seu primeiro bispo, D. Antônio dos Santos Cabral (TORRES, 1970, p. 49), que se notabilizou por militar em favor da restauração da Igreja na vida social e política, lutar contra a modernidade e a favor da recuperação moral da sociedade.

A imprensa foi uma arma usada por ele na militância política religiosa em favor do catolicismo. Em sua administração, foram criados dois periódicos de circulação diária em Belo Horizonte. Em 8 de abril de 1923, Dom Cabral dava início à publicação do jornal *O Horizonte*. O jornal contribuiu para o conservadorismo católico e da sua militância.

No meio da euforia política e das ideias liberais das décadas de 1920 e 1930, Dom Cabral militava em favor do ultramontanismo católico e da sua participação ativa na política. Sua atuação na defesa dos direitos sociais da Igreja tinha uma perspectiva de devolver a pátria, após a sua apostasia, ao Cristo Rei.

Com a chegada de Dom Cabral a Belo Horizonte, começa uma série de iniciativas pela restauração da Igreja católica e no sentido de fortalecer os valores cristãos na capital de Minas.

## **1 As iniciativas de Dom Cabral em Belo Horizonte**

O catolicismo em Belo Horizonte ganhou um novo contorno com a criação da Diocese. O bispo Dom Antônio dos Santos Cabral promoveu expressivas ações no campo da Igreja Católica na cidade: em sua administração foram erguidos novos templos, e foram criados uma imprensa católica, um seminário e uma universidade.

Em 1922, ano em que iniciou as atividades na Diocese, a Belo Horizonte que então completava vinte e cinco anos não passava de uma pacata aglomeração que ainda precisava de muitas ações para concretizar o objetivo de uma cidade do ponto de vista urbanístico do século XX. Como quase tudo na cidade ainda estava em formação, a Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, escolhida no período para ser a catedral, estava em construção.

Localizada em um largo, região central do antigo arraial, a matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem constituía um exemplar de grande representatividade para a história de Curral Del Rei. Embora seja desconhecida a data precisa em que o templo foi edificado, pode-se indicar que foi entre os anos 1755 e 1765, tendo sido construída por parte e, em certa época, 1779, reedificada devido a seu estado de conservação. Mostrava a fachada despojada, típica das matrizes setecentistas mineiras da primeira fase, com interessante conjunto de retábulos segundo proposta do rococó (BARRETO, 1996, p.164).

Com o aumento no número de fiéis, surgiu a necessidade de ampliar o templo. A construção começou em 1911 e o local era o mesmo da antiga matriz. Segundo Neves (1996), a construção de uma igreja maior no mesmo lugar da antiga matriz transmitiria à população a certeza de que se estava demolindo um prédio velho e decadente e não a autoridade e o poder da Igreja em Belo Horizonte.

Em Belo Horizonte, a Igreja não tinha muita estrutura, contava apenas com alguns templos do período em que a cidade era apenas um pequeno povoado. Com a criação da Diocese, surgiu a necessidade da formação de espaços para o trabalho e a administração diocesana. Na primeira circular de treze de junho de 1922, o bispo apresentou as obras necessárias para a implantação de sua administração.

Entretanto, vós bem o sabeis: a Diocese de Belo Horizonte, cujo governo assumiu esta em lamentável carência de tudo! Desde a residência Episcopal, o Seminário, seu patrimônio e o do bispado até a Catedral, ainda longe de conclusão, tudo esta por iniciar, organizar, provocando assim, nossa imediata atenção e devotamento (LIVRO DE TOMBO DA ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE, p.8).

Segundo os relatos de Dom Cabral, a situação da Diocese era a de uma verdadeira “Gênesis”, pois era preciso criar tudo do nada para ter-se uma diocese funcionando. . As ações necessárias para o progresso em sua administração seriam feitas, segundo o bispo, por meio de imediata atenção e devotamento, o que justifica seu apelo à participação dos fiéis nas construções necessárias. Essa participação demandava recursos para a execução dos trabalhos, ou seja, para a formação dos espaços próprios da Diocese eram necessários trabalho, participação e contribuição.

Em 1924, a Igreja de Belo Horizonte ganhou ainda maior destaque, com a elevação a Arcebispado pelo Papa Pio XI:

Ao múnus a nós confiado pelo Príncipe Eterno dos Pastores compete dividir e erigir as dioceses no mundo, segundo as exigências do bem espiritual da grei do Senhor, conforme as necessidades de tempo e lugar. A cidade de Belo Horizonte, Capital do Estado de Minas Gerais e sede do Bispado, ultrapassando de muitos as outras cidades do Estado tanto em número de habitantes como pela multiplicidade de obras católicas, o Metropolita dessa Igreja, Nosso Venerável Irmão Arcebispo de Mariana, não hesitou em nos pedir elevássemos aquela cidade à Sede de Nova Província Eclesiástica. Acresce ainda o fato de ser vastíssima a província de Mariana a que pertence a Igreja de Belo Horizonte como sufragânea (TORRES, 1972, p.49).

A elevação da diocese veio de uma petição do Arcebispo de Mariana, que percebeu o crescimento populacional da capital e a vastidão da província eclesiástica que pertencia a seu arcebispado. Criar uma nova diocese era uma forma de dinamizar a administração e organizar a expansão católica no estado.

Visando o crescimento e a manutenção da Arquidiocese e o combate às heresias e ideias contrárias ao catolicismo, Dom Cabral iniciou ações de formação de sacerdotes. Para isso, investiu na construção do seminário. Desde 1923, no Palácio Episcopal na Rua Rio Grande do Norte, funcionava precariamente o primeiro seminário, onde eram ministrados dois cursos: o de humanidades e o teológico, com 30 alunos. O reitor era o monsenhor João Rodrigues de Oliveira. Para Dom Cabral, esse espaço era de fundamental importância, como relata o Livro de Tombo:

Após as últimas orações, Sua Excelência voltou-se para os seus seminaristas e dirigiu-lhes a palavra mostrando-lhes que aquela obra é a principal do múnus episcopal e ficava sobre a proteção do Coração Eucarístico de Jesus e sob os auspício da S.S. Virgem. Confessou que sua alma de pastor estava cheia de santa alegria por ver que enfim podia dar começo ao Seminário, que é a preparação dos futuros apóstolos, os quais deverão um dia sair à conquista das almas para o Nosso Senhor (LIVRO DE TOMBO DA ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE, 1923).

Na turbulenta década de 1920, as ações da Igreja Católica eram de proteção à doutrina e aos fiéis e de combate a heresias como o espiritismo, protestantismo, modernidade e liberalismo. Para o combate, era necessário um número satisfatório de combatentes que pudessem lutar em favor da doutrina católica. Na visão de Dom Cabral, a formação de seminaristas era uma forma de aumentar o número de pessoas para atuar no combate às heresias e em defesa da fé católica. Ele destaca que o seminário preparava futuros apóstolos, os quais deveriam sair à conquista das almas. Esses soldados, na visão do bispo, deveriam ser treinados para atuarem contra os ataques que o apostolado dizia que estavam rondando o catolicismo.

Diante do crescimento do número de habitantes da cidade e dos supostos ataques à doutrina, Dom Cabral preocupou-se com o número restrito de padres. Em 1927, a Arquidiocese contava com 74 sacerdotes do clero secular. Com o intuito de incentivar e formar um número maior de seminaristas, ele adquiriu no Alto da Boa Vista, uma área rural de Belo Horizonte, um terreno de 37 alqueires (SANTIAGO, 2001.). Para execução do projeto do novo seminário, Dom Cabral envolveu a comunidade católica na arrecadação de fundos:

O que agora se faz necessário é que todos os católicos venham diligentemente amparar esta monumental obra do seminário onde estão se formando os futuros dirigentes das almas e no preparo dos futuros apóstolos da Igreja e da pátria. O excelentíssimo senhor arcebispo, confiando na generosidade de seus diocesanos, quer este ano iniciar a construção do novo prédio do seminário onde poderá abrigar tantos jovens que ardentemente desejam abraçar a carreira sacerdotal (O HORIZONTE, 16 de março de 1927).

Dom Cabral buscava o envolvimento dos fiéis na construção do seminário. Além disso, no seu discurso percebe-se a intenção de criar um espaço de formação de jovens que seriam os futuros combatentes católicos. Por outro lado, o seminário seria o espaço de negação dos males que assolavam a juventude católica.

O seminário é a primeira obra da arquidiocese, é a “obra das obras”, e sem ela, o que equivale a dizer sem clero, é impossível manter a fé e salvar os homens da corrupção, do vício e dos erros (O HORIZONTE, 16 de março de 1927).

Para ele, o seminário seria o espaço adequado para formar homens com as virtudes católicas, capazes de promover e guardar os bons costumes. Lembrando que nesse período o ensino ministrado nas escolas públicas era laico, criar um seminário que comportasse um número maior de jovens era ampliar o ensino católico para a juventude. No dia 14 de agosto de 1927, foi realizada a cerimônia da pedra fundamental dando início à construção.

As obras materiais realizadas por Dom Cabral na cidade foram enaltecidas pelo Pe. Emanuel Inneco<sup>1</sup> (1943). Segundo ele, ao lado dos santos, existem homens que empreendem as grandes obras materiais: estas refletiriam a grandeza da alma de quem as construiu. Nesse sentido, Inneco destacou que o Seminário era um portento de engenharia, desde "suas paredes alvadias, as colunas de seus claustros" até "os recantos mais humildes do seu interior".

Em 1930 foi inaugurado o primeiro prédio do novo seminário, com cinco pavilhões, ocupando uma área de 10.000 metros quadrados, e, em 1935 foi inaugurado o prédio da reitoria. Aos poucos, as obras foram concluídas destacando o trabalho de Dom Cabral à frente da arquidiocese.

A construção do seminário era uma demonstração visível da atuação de Dom Cabral. Suas ações eram sempre movidas pela participação dos fiéis, como forma de manter a sociedade ocupada com as atividades da Igreja. Enquanto as pessoas participavam das ações, elas se distanciavam do mundo moderno combatido por ele. Nesse período, uma ideia predominante na Igreja era a neocristandade<sup>2</sup>: a atuação da Igreja no mundo era de salvar as almas e não se envolver com o mundo. Por isso, se deveria promover a exclusão ou a separação dos fiéis das ideias modernas, das danças, dos modos de vida boêmia.

## 2 As armas do combate: a imprensa e a educação

O estudo da imprensa católica<sup>3</sup> em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930 proporciona uma boa compreensão das ações de Dom Cabral. Os artigos jornalísticos refletem o pensamento expresso no discurso utilizado por esses meios de comunicação ao dirigirem-se aos seus leitores:

A imprensa católica é uma espécie de termômetro da vitalidade da comunidade eclesial em cada uma das épocas históricas significativas. Através de uma leitura crítica dos periódicos, se toma o pulso da atuação da Igreja, de suas posições e se pode contar com dados preciosos e diversificados para uma interpretação objetiva da participação dos católicos na vida da sociedade brasileira (LUSTOSA, 1983, p.2).

No entanto, como se vê na afirmação de Lustosa, é necessário cuidado ao interpretar esses textos, pois eles refletem apenas o discurso de um determinado período.

---

<sup>1</sup> Texto do Pe. Emanuel Inneco: *Dom Cabral e suas obras materiais*, parte do livro *Dom Cabral e suas Obras*, pp. 129-130.

<sup>2</sup> Sobre este assunto, cf. MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil: 1916 -1985*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

<sup>3</sup> Cf. OLIVEIRA, Ramiro Barbosa de. *O Conservadorismo católico na imprensa de Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930 – Os Jornais O Horizonte e O Diário*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São João Del Rei, 2010.

A imprensa católica em Belo Horizonte<sup>4</sup>, sob a administração de Dom Cabral, era um veículo de defesa da doutrina da Igreja Católica. Na leitura dos seus jornais, nota-se o discurso de um catolicismo combatente, que lutava em defesa da fé católica. Pode-se, assim, dizer que *O Horizonte* era um termômetro da ação da comunidade católica em Belo Horizonte na década de 1920 e 1930.<sup>5</sup>

O primeiro número do *Horizonte* foi publicado em 8 de abril de 1923, contendo oito páginas e seis colunas. Os editores eram Lúcio dos Santos e Olinto O. de Castro, amparados por eclesiásticos como João Rodrigues, Vicente Soares, Godofredo Strijbos e Sebastião Pujol. No primeiro momento, sua distribuição era aos domingos, depois passou a ser distribuído em dois dias da semana (no domingo e na quarta-feira) e, por último, passou para três dias: domingo, terça e quinta. A intenção da Igreja de Belo Horizonte era usar a imprensa como promotora de suas ideias na defesa da fé. Essa preocupação fica clara no primeiro número do *Horizonte*:

Como religião, entendemos a religião católica romana, que presidirá aqui os nossos esforços. Havemos de sustentá-la e defendê-la com todo o denodo e sem desfalecimento algum. Neste termo concessão nenhuma teremos a fazer (O HORIZONTE, 8 de abril 1923).

A imprensa católica em Belo Horizonte atuava combatendo duramente com artigos os movimentos contrários à doutrina católica. Por isso, tanto esforço de Dom Cabral em criar um jornal no primeiro momento de sua administração. A defesa da Igreja Católica era o alvo principal:

O que, porém, posso afirmar com toda a certeza é que atualmente existem muitas associações, que plenamente merecem o predicado de Satã e Companhia. Uma delas é a maçonaria, que, com um dos principais meios de conseguir seu infernal fim de derrubar o altar e o trono, prosseguem em todos os países, sorradeira, mas eficazmente, a corrupção da mocidade, convencida de que quem dispuser da meninice e mocidade de hoje, disporá dos homens de amanhã (O HORIZONTE, 8 de setembro de 1923).

De forma enfática, esse artigo faz uma crítica à maçonaria como inimiga da Igreja, como uma instituição de Satã<sup>6</sup>. Ao comparar à instituição com Satã, torna-a alvo de combate não apenas por Dom Cabral ou pela Igreja, mas pelo crente que lê o artigo. É criado, então,

---

<sup>4</sup> Sobre a Imprensa Católica em Belo Horizonte, temos Matos, 1990, capítulo VIII, pp.144-178.

<sup>5</sup> O destaque dado ao jornal *O Horizonte* deve-se à delimitação do período estudado nesta pesquisa (1922 a 1936), ressaltando-se que a arquidiocese, a partir de 1936, contou com um novo veículo, conhecido como *O Diário Católico*.

<sup>6</sup> Na encíclica *Humanum Genus*, de abril de 1884, o papa Leão XIII afirma que a maçonaria tinha como objetivo derrubar a ordem religiosa e política do mundo e sua substituição por um novo estado de coisas, das quais as funções e leis deveriam ser obtidas do próprio naturalismo.

um preconceito com relação aos adeptos e, a partir desse momento, falar em maçonaria ou pertencer à maçonaria seria um desafio a enfrentar.

Quando se analisam fontes e estudos sobre a imprensa católica no período de Dom Cabral, percebe-se uma harmonia entre os dados em dizer que o jornal *Horizonte* era um modesto semanário. Segundo Torres (1972), era um semanário de oito páginas, com mais artigo do que notícias, “mas era valente e brigão” e justifica essa fama com a menção aos artigos contra os protestantes, comunistas, maçons, ensino laico e outros assuntos que naquele momento eram considerados pela Igreja como afronta à fé católica.

Alguns artigos ocupavam a primeira página do semanário durante o mês divulgando o mesmo tema. Temos um exemplo em 23 de outubro de 1926, quando foram publicados nas primeiras páginas artigos combatendo o divórcio e o espiritismo.

A imprensa católica neste período combatia todas as ideias contrárias à fé. Essa ideia de imprensa combatente era fruto do Concílio Plenário realizado em maio de 1899, sob a liderança do papa Leão XIII. O documento final elaborado nesse concílio orientou a comunidade católica sobre a criação de uma imprensa própria:

Em nosso tempo os inimigos da Igreja trabalham, dia e noite, para inocular no povo o veneno da imprensa através de periódicos, blasfemando acerca dos dogmas da fé e injuriando o modo cristão de viver. Por isso, é-nos conveniente atacar os inimigos com as mesmas armas, a saber, difundindo entre o povo as folhas católicas. Assim, este Concílio Plenário exorta veemente aos clérigos e leigos que estejam munidos dos dotes necessários para isso e, sobretudo, dotados de uma piedade e de uma fé provadas, que, cada um a seu modo, escrevam com todo zelo nos periódicos católicos, defendam e desafrontem as doutrinas e os direitos da Igreja, ponham a nu as múltiplas fraudes dos ímpios e refutem as sombrias avalanchas de erros (O HORIZONTE, 23 de outubro de 1926).

Utilizando-se desses conselhos, a imprensa católica liderada por Dom Cabral manifestava-se com todo vigor defendendo suas ideias. Os periódicos serviam com meio de doutrinar a população da capital: eram uma forma de manifestar a autoridade religiosa para influenciar o modo de vida das pessoas.

Em matéria religiosa, temos uma autoridade, cujo magistério infalível a nossa razão reconhece, sem se julgar diminuída, a autoridade da Igreja. Católicos, submetemo-nos, integralmente e sem reservas, a essa autoridade cujo mais alto representante aqui é o nosso amado Bispo diocesano D. Antônio dos Santos Cabral (O HORIZONTE 8 de abril de 1923).

A afirmação da autoridade do bispo era uma forma de moldar os fiéis no modelo ditado por ele. Sendo a religião católica, segundo o artigo acima, a única autoridade que poderia atuar na vida social das pessoas dando orientação sobre o certo e o errado, ela orientava e dava sentido à sociedade da capital. Essa orientação era feita pela leitura dos artigos, que eram compartilhados e comentados nas ruas da cidade.



A imprensa católica, em Belo Horizonte, não se limitava apenas às questões doutrinárias da Igreja, mas atuava também em assuntos ligados à questão política republicana. Em meio à crise política da Primeira República, o diário católico publicava artigos com um discurso de obediência à autoridade. Os movimentos e manifestações contrárias ao governo eram sempre combatidos pelos editores. Essa ideia de respeito à autoridade era pregada pela Igreja, que se identificava como sua guardiã.

Nada de resistência ou rebelião, porque tais atitudes nascem necessariamente de um coração rebelde, dominado pela tirania das paixões. Por sua vez, a autoridade civil vai se convencendo de que, segundo a opinião católica de então, em vão busca um motivo bastante poderoso para induzir o homem a respeitar a autoridade e a submeter-se aos poderes, se não o buscar na religião. Só a religião, e só a religião católica faz lembrar aos homens que toda a autoridade vem de Deus, que os poderes públicos existem segundo a ordenação divina e ocupam o lugar de Deus na sociedade e que, portanto, todos os cidadãos devem respeito, fidelidade e obediência às autoridades constituídas (MATOS, 1990, P. 329).

A Igreja Católica mantinha o discurso de obediência e ordem. Para ela, as pessoas não se deveriam manifestar de forma violenta ou protestar contra a autoridade, já que esta era constituída por Deus. Esse discurso era bem visto pelos governos, pois era uma forma de proteção em meio à crise política e às manifestações sociais que se espalhavam em todo o país na década de 1920 e que desestruturavam a ordem política. A posição de defender a ordem aproximava Igreja e Estado. No período eleitoral, essa aproximação era ainda mais densa, pois a posição da Igreja Católica influenciava seus fiéis, que então eram a maioria.

Nos meses que antecediam as eleições, eram publicados artigos que direcionavam os leitores: a Igreja dava opiniões sobre em quem os católicos deveriam votar. A intenção era eleger pessoas que, mesmo numa república laica, favorecessem uma política adequada aos dogmas do catolicismo e que atendessem aos seus pedidos.

Nas circunstâncias atuais, dependendo do êxito das eleições políticas a escolha do bom ou mau governo do país, e daí o bem ou o mal estar da Igreja entre nós, é claro que os católicos, como membros do Estado e filhos da Igreja, devem tomar parte das eleições e propugnar com seu voto e sua influência pela derrota dos candidatos perversos e pelo triunfo dos homens de bens, sinceramente católicos, únicos capazes de promover a prosperidade da pátria, formando com eles centros, círculos, uniões e ligas eleitorais, etc. (O HORIZONTE, 27 de janeiro de 1927).

A Igreja apontava seus candidatos como os únicos capazes de promover a prosperidade da pátria. Para a Igreja, a crise política por que o país passava era o resultado do modelo político laico que excluiu a religião católica da participação e da formação da nação republicana. Com esse argumento de que seus candidatos seriam capazes de mudar a situação do país, ela direcionava seus eleitores para votarem nesses candidatos. O termo "maus candidatos" usado no discurso passava a ideia de que esses políticos eram contrários à religião católica e, por isso, os eleitores católicos não deveriam neles votar.

Dom Cabral movia suas ações em torno da imprensa para a formação de um diário que fosse a arma do apostolado, que difundisse o pensamento da Igreja, com firme orientação dos princípios cristãos, sem ser exclusivamente religioso. Em poucas palavras, deveria ao mesmo tempo informar e formar (MATOS, 1990 437). Nessa linha de pensamento, Dom Cabral criaria então um novo jornal, que foi publicado a partir de 1935.

O Diário Católico será o “Jornal do Momento”. Tratará de todos os assuntos. Será ilustrado e artístico (O HORIZONTE, 28 de outubro de 1928).

Dom Cabral avançava com relação à imprensa; e seu propósito era avançar com a *Boa Imprensa*<sup>7</sup>. Segundo Lima (1941, p.17), o semanário *O Horizonte* nunca satisfaz plenamente o desejo de Dom Cabral no sentido de uma atuação mais ampla e eficiente na defesa da família e da sociedade. Por isso, o bispo se empenhava na modernização da imprensa para obter melhor orientação da vida cristã da sociedade.

Em 31 de dezembro de 1934, foi publicado o último número do *O Horizonte*. Em fevereiro de 1935, tinha início o novo projeto de Dom Cabral: a criação do *O Diário*. Era uma nova realidade da imprensa católica em Belo Horizonte, segundo o último artigo referente à imprensa publicado no *O Horizonte*:

Dentro de poucos dias, será lançado O Diário. Ele não será um órgão religioso, exclusivamente. Será uma folha moderna. Completo noticiário. Páginas do comércio e da lavoura, do ensino e do esporte. Isso, porém, sob uma orientação segura. Sadia. Nada de sensacionalismo, literatura barata e pernicioso. Será antes um defensor de Deus, da Pátria e da Família. Um antídoto eficaz contra todos os erros e contra todos os vícios. Um dique a todas as correntes do mal. O Diário não será mais um deste que daquele. Todos estão concorrendo para a fundação do defensor do patrimônio espiritual e material de cada um (O HORIZONTE, 31 de dezembro de 1934).

Experiente com a publicação do *O Horizonte*, foi possível formar um jornal diário, mas era outra realidade para o catolicismo militante de Dom Cabral, já que a imprensa católica até então tinha o objetivo de combater heresias e todas as ações contrárias ao catolicismo e a proposta do *O Diário* era de “modernizar” o jornalismo católico, utilizando informações que iam além dos interesses panfletários dos católicos. Seria um jornal considerado por muitos moderno: segundo Lima (1943), um jornal com feição moderna, que, em duas colunas, tratando de todos os assuntos, se fizesse sentir o pensamento da Igreja.

Durante o período de publicação do jornal *O Horizonte*, Dom Cabral sempre mostrou sua posição com relação à educação, publicando artigos em favor da educação cristã católica para as crianças. Deve-se lembrar que, na Primeira República o ensino havia passado a ser laico e, como reação, a Igreja empreendeu um movimento em

---

<sup>7</sup> Criado na cidade de Petrópolis, em 1910, o Centro da Boa Imprensa tinha como objetivo o desenvolvimento da imprensa católica.

favor do retorno do ensino religioso nas escolas públicas. Em Minas Gerais, as ações de Dom Cabral em favor do ensino religioso eram constantemente publicadas na imprensa católica: o jornal era um meio no qual Dom Cabral exerceu sua militância em favor de uma educação católica nas escolas, para a formação de cidadãos cristãos prontos a servir a pátria.

Em Minas Gerais, o movimento a favor da volta do ensino religioso às escolas públicas ganhou força desde os primeiros anos da República. Em 1909, o governador João Pinheiro e o seu secretário do Interior Carvalho Brito proibiram o ensino religioso nas escolas públicas, gerando uma crise entre a Igreja Católica e o estado de Minas Gerais.

A Igreja manifestou-se contra essa posição do estado e reagiu com ações a favor do ensino religioso. Em 1910, foi realizado em Juiz de Fora o I Congresso Católico Mineiro, no qual um dos assuntos abordados foi a educação e a instrução católicas. A partir de 1911, os Congressos Católicos Mineiros ocorreram em Belo Horizonte, em 1914 e em 1918, abordaram as questões ligadas ao Estado laico e à volta do ensino religioso. O movimento em prol do ensino religioso ganhou força em Minas Gerais, e incentivou os fiéis a participarem ativamente das ações que pudessem promover mudanças na legislação.

O 4º Congresso Católico de Minas Gerais convida a todos os mineiros a organizarem uma vasta e poderosa Associação, sob o título Agremiação Católica Pró-Ensino Religioso, em demais reivindicações católicas (MATOS, 1990).

O movimento em prol do ensino religioso ganhou forças com a criação da Arquidiocese na Capital. Com a chegada de Dom Cabral, o movimento favorável à volta da educação católica foi intensificado pela sua militância. Em sua Carta Pastoral de 1925 ele fez a defesa da manutenção do ensino religioso nas escolas como forma de manter a fé católica como tradição em Minas Gerais.

Não nos poderíamos alhear do movimento promissor que sacode o Estado de Minas Gerais no que tange ao grave problema da Educação e Instrução. Parece-nos haver chegado o momento de oferecermos a este cometimento de equilibrado e sadio patriotismo, em que se inspiram os homens públicos de Minas, o concurso de nosso aplauso e bem avisada solidariedade (CABRAL, 1925, p.3).

A proposta de Dom Cabral era colocar o ensino sob a administração da Igreja. Era necessário manter a tradição, tendo a escola sob os cuidados da Igreja, a única capaz de transmitir valores adequados necessitados pela sociedade. Segundo as palavras de Dom Cabral, "a Igreja tem uma suprema autoridade, cometida do alto, para difundir e promover entre os homens o ensino das divinas verdades, de que é única depositária" (CABRAL, 1925, p. 4).

A militância de Dom Cabral dava formas ao campo religioso em Belo Horizonte, reforçando a esperança da volta do ensino religioso a todas as escolas públicas brasileiras.

Com um discurso apropriado, Dom Cabral promovia um movimento de catequização na Capital como forma de manter a tradição<sup>8</sup> e, a partir daí, alcançar o objetivo de reintroduzir a educação católica.

A proposta educacional de Dom Cabral era a formação cristã e a formação de jovens para o sacerdócio. Por isso, era importante que o ensino religioso fosse ministrado nas escolas pela Igreja, de forma que despertasse interesse pela religião católica e pelo sacerdócio. O intuito era investir na educação como forma de preservar os bons costumes pregados pela Igreja e manter a fé cristã.

Não esqueçamos a consoladora proliferação de vocações sacerdotais e religiosas que se vai manifestando, à medida que novos seminários se vão abrindo e fundando noviciados e juvenatos apostólicos. Daí, a perspectiva de renovados e admiráveis cometimentos com que a Igreja, ciosa de seu glorioso passado, virá colaborar vantajosamente no cultivo e na formação das gerações porvindouras, escrevendo rútilas paginas de sua história. (CABRAL, 1925, p. 13).

O Congresso Catequístico, ocorrido em 1928, firmava a presença da Igreja Católica no contexto nacional e propunha intervenções da Primeira República. O evento tinha como um dos assuntos da pauta a discussão sobre o ensino religioso em Minas Gerais. O movimento pelo ensino religioso ganhou força no evento (que teve repercussão nacional) porque se tratava de um interesse de toda a Igreja brasileira, empenhada em afirmar a reação católica na República (SILVA, 2007).

Antônio Carlos de Andrada, então governador do estado, introduziu por decreto o ensino religioso nas escolas públicas em Minas Gerais, uma medida que ia diretamente ao encontro das solicitações de Dom Cabral. A lei que autorizava o ensino religioso em Minas Gerais negava o modelo republicano de Estado laico e privilegiava a religião católica como a religião que deveria cuidar do ensino religioso nas escolas públicas, favorecendo o catolicismo e a tradição religiosa.

A lei que garantia o ensino religioso em Minas Gerais foi uma demonstração do poder e da influência da Igreja Católica sobre o Estado mesmo na República. O cenário em Minas Gerais nesse período, vê-se, foi marcado pela força política da Igreja Católica, tendo como seu líder Dom Cabral. Essa força se mostrou mais evidente no fato de a lei deixar de fora o ensino de outras religiões (principalmente outras doutrinas cristãs, como o Protestantismo), que não tinham participação na disciplina Ensino Religioso nas escolas públicas.

---

<sup>8</sup> Para Carvalho (1999, pp. 65-130), a tradição foi suficientemente forte para manter os valores de uma sociedade rural, patriarcal e hierárquica.

O movimento de Minas espalhou-se pelo Brasil, em 30 de abril de 1931, quando um decreto-lei autorizou o ensino religioso nas escolas públicas do país, sendo a frequência facultativa (SILVA, 2007). A nova legislação dava autonomia e privilégio à religião católica, que tinha como objetivo ensinar apenas os costumes cristãos católicos aos alunos, sem espaço para ensino e diálogo com outras religiões e tradições. Essa conquista O Congresso Catequístico marcou, assim, o sucesso da militância em favor da educação religiosa de Dom Cabral em Minas Gerais.

A situação social na Primeira República foi marcada por movimentos sociais que solaparam o modelo oligárquico, resultando na Revolução de 1930<sup>9</sup>. Após esse período, o Estado tentava estabelecer e manter a ordem social no país.

A religião é vista como poderoso instrumento para salvaguardar a moralidade do povo, sustentar a ordem e a autoridade legitimamente estabelecidas e promover o verdadeiro amor à pátria (MATOS, 1990, p. 87).

A aproximação entre Estado e Igreja tinha, então, como finalidade guiar a sociedade dentro de padrões e valores de respeito à ordem e à autoridade. Neste sentido a educação religiosa seria um auxílio na formação de indivíduos capazes de manter uma ordem social estabelecida. No entanto, a educação foi uma das armas de maior eficácia que Dom Cabral utilizou contra o estado laico. Diante dos impasses entre Estado e Igreja na Primeira república, o governo de Minas abriu precedentes para o ensino religioso permitindo uma aproximação amigável entre os dois poderes.

## CONCLUSÃO

Diante de um regime de governo republicano contrário, Dom Cabral teve voz ativa na defesa da doutrina católica. Este estudo das ações do bispo em Belo Horizonte, no período de 1922 a 1936, contribui para a compreensão da história do catolicismo na Capital e para a pesquisa sobre a História da Igreja Católica no Brasil.

Este trabalho descreve alguns pontos das ações de Dom Cabral em Belo Horizonte à frente da Arquidiocese. Por isso, o título do capítulo, *O Bom Soldado de Cristo*, faz referência à postura de Dom Cabral diante de seu trabalho, e sua disposição de combater as ideias contrárias à doutrina católica, o que contribuiu para um movimento de fortalecimento e crescimento do catolicismo na Capital.

---

<sup>9</sup> Cf. CURY (2005): Igreja Católica, Estado Brasileiro e Educação Escolar nos anos 30.

Belo Horizonte foi criada a partir do pensamento republicano. A ideia de criar em Minas Gerais um espaço que pudesse representar o modelo político republicano foi concluída em 1897. A cidade era uma representação da república positivista, mas quem eram os moradores que vieram habitar esta cidade erma positivista? Diante de tal pergunta, começamos a escrever a História da Igreja Católica em Belo Horizonte.

É nesta cidade que Dom Cabral chega em 1922, e tem seus fiéis católicos, mas o espaço católico ainda precisava ser construído.

A cidade foi projetada para receber a administração pública, e nela o espaço religioso não fazia parte do projeto. Diante dessa nova realidade, Dom Cabral trabalhou para formar a estrutura de uma Arquidiocese.

Nos primeiros anos de Dom Cabral na capital, ele criou meios de arrecadar dinheiro para montar e estruturar a nova administração diocesana. No ano seguinte a sua chegada criou uma imprensa que era uma ferramenta para o catolicismo militante. Através da imprensa Dom Cabral promovia seus ideais, as ações e combatia as ideias que eram contrárias à doutrina católica. Por meio dos jornais, ele criticava a política, as modas que circulavam entre os jovens, a doutrina espírita, os protestantes.

A militância de Dom Cabral buscava a expansão do catolicismo em Belo Horizonte. Sua visão voltada para a educação católica levou à formação de um seminário. Para ele era necessário formar jovens dentro da religião católica para a formação de bons cidadãos. A catequese era um meio de promover a formação católica nos indivíduos.

## Referências

- ARQUIVO DA ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE, **Livro de Tombo**, 1923 – 1936.
- BARRETO, Abílio. **Belo Horizonte, memória histórica e descritiva, história antiga e história média**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995.
- CABRAL, Antônio dos Santos (Dom). **Carta Pastoral de Dom Antônio dos Santos Cabral: a Igreja e o Ensino**. Belo horizonte: Imprensa Diocesana, 1925.
- CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- INNECO, Pe. Emanuel. Dom Cabral e suas obras materiais. In: **DOM Cabral e suas obras**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1943. p.129-130 .
- LIMA, Mário de. **O Bom combate: subsídio para a história de 20 anos de ação social católica em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1929.
- LIMA, Mário Werneck de Alencar. Dom Cabral, amigo da cidade. In: **DOM Cabral e suas obras**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1943.
- LUSTOSA, Oscar Figueiredo. **A igreja católica no Brasil república: cem anos de compromisso**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- MARINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916 -1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MATOS, Cristiano José. **Um estudo Histórico sobre o catolicismo militante em Minas, entre 1922 e 1936**. Belo Horizonte: O Lutador, 1990.
- NEVES, Lúcia de Almeida. **Belo Horizonte - Coração das Minas Gerais**. Cadernos de História, PUC Minas, Vol. 2, Número 3, p. 21, 1997.
- O HORIZONTE, Jornal da Arquidiocese de Belo Horizonte, 1923 – 1935.
- O DIÁRIO, Jornal da Arquidiocese de Belo Horizonte, 1923 – 1935.
- SANTIAGO, Carla Ferreti. **A igreja Católica e a construção do espaço urbano em Belo Horizonte**. Cadernos de História, PUC Minas, Vol. 6, Número 7, 2001.

SILVA, Antônio Francisco. **Idas e vindas do Ensino Religioso em Minas Gerais.** A legislação e as contribuições de Wolfgang Gruen. Belo Horizonte: SEGRAC. 2007.

TORRES, João Camilo de Oliveira. **A Igreja de Deus em Belo Horizonte.** Belo Horizonte: SI, 1972.